

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjuncta do Seculo, Supplemento Humeristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA		PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Anno.....	4\$800	Anno.....	8\$000
Semestre.....	2\$400	Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	1\$200	Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — *Rua Formosa, 43*



## Summario

Capa: ACTRIZES PORTUGUEZAS: AURA ABRANCHES (cliche Vasques). Texto: OSCAR DE TEFFÉ, 15 illustr. ♦ A REUNIÃO FEGENERADORA, 3 illustr. ♦ SPORTS, 2 illustr. ♦ LOUÇA DE GUIMARÃ'S, illustr. ♦ A SEVERA, 17 illustr. ♦ VISITA DE EL-REI Á CASA PIA, 3 illustr. ♦ MARIA FARNEIT, illustr. ♦ A ESQUADRA AMERICANA, 3 illustr. ♦ ARTES E LETTRAS, 3 illustr. ♦ O «AZEBRE», illustr. ♦ PRO ITALIA!, 3 illustr. ♦ O LACTARIO, 4 illustr. ♦ MULHERES DA ITALIA, 13 illustr.

**Madame** O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chromante e physiologista da Europa



**Brouillard**

**D**IZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; incomparavel em vaticinios. Pele estudo que fez das ciencias, chromancias, chronologia e physiognomica pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroe, d'Arpenigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

**Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:**

**43, Rua do Carmo, 43, sobre-loja— LISBOA**

Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 rs., e 5\$000 rs.

**CASAPAPÉIS**  
**ARMADORES ESTOFADORES**  
 PRAÇA LUIZ DE CAMÕES 38 - LISBOA  
 TELEPH. 1346  
 ENDEREÇO TELEGRAPHICO (CASTAL)

**Princia**  
 Nouveau Parfum VIOLET  
 29, 6<sup>e</sup> DES ITALIENS — PARIS

**Leiam e julguem caras leitoras**

-Craponne-sur-Arzo. 3 de fev. de 1898.  
 -III.º Sr.

«Es'ou satisfetissimo com o Dentol que V. S.º me mandou. Cumpro em dever provando-lhe toda a minha satisfacão. Tinha as gengivas todas feridas por causa d'um unguento que fui obrigada a empregar em fricções contra um abcesso. O seu dentifricio curou-me completamente. Tambem fez desaparecer o tartaro que eu não conseguia impedir de se formar nos meus dentes. O Dentol é pois superior a todos os dentifricios que tenho empregado até agora; o seu cheiro é excellente.

«Devo dizer-lhe que dei o vidrinho amostra a um visinho meu que soffria horivelmente d'uma raiva de dentes. Ficou logo allivado como por encanto.

«Aceite pois, os meus maiores agradecimentos.

(Assinado): Maria Nopie.  
 Craponne-sur-Arzon (Loire).»



MARIE NOPIC

Na verdade, o Dentol (aqua, pas e pó) é um dentifricio soberanamente antiseptico tendo um cheiro muito agradável.

Creado segundo os trabalhos de Pasteur, elle mata todos os maus microbios da bocca; tambem impete e cura com certeza a carie dos dentes, as inflammacões das gengivas e das doencas da garganta. Em poucos dias faz os dentes alvos e brilhantes e destrõe o tartaro. Deixa na bocca uma sensaçao de frescor delicioso e persistente.

Empregado puro em algodão, acalma ins'tancamente as raivas de dentes por mais fortes que sejam.

**LISBOA:**

- J. P. Bastos, droguista, R. Augusta, 39.
- Pires Tavares, R. do Principe, 130.
- Pineitel & Quinans, R. da Prata, 198.
- Balsomão, perfumaria, R. da Conceição.
- Thomas Mendonça & Filhos, perfumaria, Calçada do Combro, 43.
- Cri er, perfumaria, R. Azeva, 430.
- José Alexandre, arif. dos de Paris, R. Garrett.

**PORTO:**

- Rodrigues irmão, droguistas, R. das Flores.
- Lima & Ramos, Largo dos Loyos, 36.
- Almeida & Leão, Rua Mousinho da Silveira e em todas as boas perfumarias.

**Brinde aos nossos leitores**

Basta mandar ao sr. Marius LATHÉLIZE, agente geral do DENTOL em Portugal, Praça dos Restauradores, 11-bis, 100 réis em sellos do correio e recomendar-nos de..... (indicar a qui o nome do jornal) para receber franco de porte pelo correio **uma linda caixinha** com um vidrinho de Dentol, uma caixa de Pasta Dentol e uma outra de Pó Dentol.

**Os Agentes em Portugal REEMBOLSAM o DINHEIRO a quem não tiver tirado resultado na BRONCHITE TOSSE, ASTHMA TISIS PULMONAR empregando o XAROPÉ FAMEL**

PARIS  
 26, Rue de la Réunion  
 PAREO: 1.800 REIS  
 Franco de portos em todas as Portugal por 1 franco.

COMPTO GENERAL: 19, Rua do Arco a Jesus LISBOA.

**COMPREM AS Sedas Suissas**

Peçam as amostras das nossas sedas Novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas: Ottoman, Liberty, Côtelé, Crêpe de China, Louisine, Tafetas, Mousseline 120 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em negro, branco e cor assim como as blusas e vestidos bordados em batiste, lã, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente nos particulares e francas de porte a domicilio.

**SCHWEIZER & C.º**  
 Luçerna E. II. (Suissa)

Exportação de sedas Fornec. CORTE REAL

**Companhia do Papel do Prado**

Proprietaria das fabricas do Prado, Marlianeta e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria a Velha).

Installadas para uma produccão annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeçoados para sua industria.

**Papel do Prado**

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma.

**LISBOA—270, Rua da Princeza, 276**  
**PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51**

Ender. telegraphico: LISBOA, COMPANHIA PRADO Numero telephonico: PRADO — PORTO — LISBOA 508

DIPLOMATAS ARTISTAS

# Oscar de Teffé

A vida diplomatica é, por certo, a mais irregular no emprego do tempo; para o diplomata difficilmente ha horas certas para qualquer coisa. Se uma questão grave está pendente, não tem um momento livre, trocam-se telegrammas e notas a toda a hora, succedem-se as entrevistas e conferencias, sobrando raramente occasião para o estudo demorado da questão. Mesmo em tempo bonançoso a chegada d'um despacho transtorna todo um plano precon-



bido, se não o proprio somno, quando o ingenuo distribuidor do telegrapho o faz trocar o leito pela secretaria, o travesseiro pelo cifrante. Perante o mutismo da cifra tudo é urgente, mas quantas decepções causadas por uma hora inconveniente de expedição ou demora na transmissão! O diplomata só socega em licença, e essa passa-a então a oxigenar no campo, se vive nas grandes capitães, a *civilisar-se* nos grandes centros se habita os paizes mais atrazados, ou no lar patrio se é um affectuoso e não deseja desnacionalisar-se. Quando no posto, tem ás vezes longos mezes de *calmaria* em que o trabalho official se limita á resposta da correspondencia, de um ou outro telegramma e á organisação d'um relatório. Tem então muito tempo livre, o que choca a multidão ignara, que muitas vezes o julga um inutil.

Sao estes *loisirs* que a juventude emprega diversamente e ao sabor do seu temperamento. Os norte-americanos e os europeus do norte dedicam-nos geralmente aos *sports*. Os restantes, á leitura, alguns mesmo escrevem, muitos cavaleiam, jogam, passeiam, dançam, *flirteiam*, mas poucos são os que se dedicam ás artes.

Pertence, porém, a este limitado numero o sr. dr. Oscar de Teffé. O distincto primeiro secretario da legação do Brazil em Lisboa, representante d'uma familia illustre, superiormente educado e cultivado, impõe-se pela sua intelligencia, trato captivante e distincção de maneiras, que o tornam o prototypo do diplomata moderno. N' esta missão delicada de representar um paiz e dar no estrangeiro a impressão do que elle vale, é o sr. dr. Teffé primorosamente secundado por sua gentilissima esposa, uma senhora encantadora, muito illustrada, formosa e elegantissima. A este conjunto não vulgar devem s. ex.\*\* sem duvida o acolhimento carinhoso que entre nós tiveram logo desde os primeiros tempos e a posição brilhante que hoje oc-

1—Dr. Oscar Teffé  
2—Deante do retrato de bébé

cupam na sociedade portuguesa.

O seu *apartment* da Avenida da Liberdade é um encanto de conforto, elegancia e bom gosto. A simplicidade de tudo, o estylo da mobilia, a belleza dos *bibelots*, o proprio emolduramento dos quadros e a escolha dos assumptos, tudo accusa a presença ali de um espirito delicado e d'um artista moderno.

Para a estreita ligação de dois corações e de dois espiritos de élite



nem lhes falta a nota alegre, harmoniosa, o traço de união d'um filho querido, creança sadia e fresca que a população da nossa capital se habituou já a vêr passear em tricycle, de manhã, na Avenida, empunhando a bandeira brasileira.

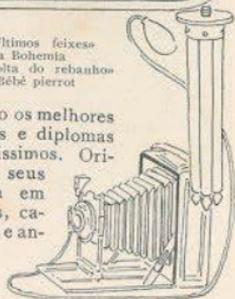
O sr. Oscar de Teflé é um photographo amator distinctissimo; dispondo de meios de fortuna, o seu *Studio* é um museu d'arte e no seu *atelier* nada falta do que a sciencia tem inventado para o seu genero de trabalhos.

Começando pela photographia simples, foi logo admittido nas exposições do genero, em Paris, Berlim, Buenos-Ayres e Rio de Janeiro,



- 1—«Ultimos feixes» na Bohemia
- 2—«A volta do rebanho»
- 3—Bêbé pierrot

obtido os melhores premios e diplomas honrosissimos. Originas seus figuram em revistas, catalogos e an-





Veneza (Gomina a tres côres)

nuarios photographicos d'aquellas cidades e ainda de Londres, New-York e Boston.

A proposito do illustre artista escreveu um critico da exposiçào do Photo-Club do Rio de Janeiro, em 1904, o seguinte:

Segue-se no catalogo o sr. dr. Oscar de Teflé — é dos expositores aquelle que apresenta obra mais variada, já pelos assumptos tratados, já pelos processos empregados, já pelos formatos apre-

sentados. Do conjunto da obra d'esse amator a impressào geral que tem quem a observa é a louvavel tendencia para a synthese. A objectiva photographica, como bem o disse o notavel Puyo, é por demais analytica e, para corrigir esse defeito artistico, o photographo intelligente deve procurar simplificar, como faz o dr. Teflé, ora com uma focalisação justa suprimindo os detalhes, ora desfocalizando, ora invertendo a chapa



no caixilho ou na prensa, ora eliminando as minucias inconvenientes no tratamento do positivo; tudo isso faz o dr. Tefé com rara mestria.»

Mostrando as vantagens da photographia diz um escriptor da espe-



1—Estado (Rembrandt)  
2—Retrato de mademoiselle C.  
3—Retrato de Mgr. M. C.

cialidade: «A photographia é hoje uma arte amada e respeitada. Todos aquelles que amam o bello e o comprehendem; todos aquelles que sentem a necessidade de fixar as fórmas lasticas da sua phantasia ou os aspectos interessantes das coisas que a natureza lbes depara; aquelles que vivem a sonhar quadros ou que querem gravar as suas recordações; todos os que querem conservar visiveis até mesmo as suas saudades, encontram na photographia o verdadeiro auxiliar de que precisavam. Sim. nem todos possuem o dom especial de interpretar com a mão



mente tão facil que, se o quadro não indicar um esforço meritorio da phantasia, elle passará despercebido.»

O sr. dr. Tefé ha muito adivinhou e executa estas idéas; tendo abandonado a photographia commum, conseguiu nos seus ultimos trabalhos o traço d'união entre a photographia e a pintura, o que lhe é permitido por uma imaginação fertil, grande technica e gosto artistico.

Para elle hoje a machina photographica é um simples auxiliar; todo o seu trabalho está nos processos de impressão. Detestando as linhas marcadas e duras, desejando, pelo contrario, reproduzilas com o esbatido e ave-ludado que apresentam á vista, com a especie de halo que vemos cercando as imagens, põz de parte as suas lentes Goertz e emprega apenas uma anachromatica, lente simples, sem correção, que dá as imagens *flou* e sem perspectiva, processo que hoje empregam exclusivamente os grandes ar-



aquillo que os olhos vêem ou a phantasia dicta, mas poucos serão os que não podem armar-se d'um apparelho e dar livre curso á imaginação e, se a teem fecunda, podem produzir verdadeiros quadros como os dos grandes artistas da photographia Puyo, Demachy, Steichen, Horsley-Hinton, etc.

Se é verdade que a inspiração pode ser igual no pintor e no photographo, é tambem incontestavel que a photographia deve olhar com humilde respeito para a superioridade technica de sua irmã mais velha, superioridade que dá á pintura muito maior latitude de interpretação, mas que tambem, ás vezes, absorve completamente a faculdade creadora. Nas exposições de pintura admiramos ás vezes quadros que seriam banalissimos se não fôsem executados com mestria, o que não se dará com os trabalhos photographicos, porque a technica é relativa-

tistas de Paris, Puyo, Demachy e Pullygny. A impressão das chapas assim obtidas exige conhecimentos de pintura, de que só uma ligeira descripção deixará comprehender a



1—Perfil. 2—Um trecho do atelier  
3—Paul Verlainne quadro a oleo de E. Carriève

importancia.

O sr. dr.

Teffé toma

um papel

commum e sensibilisa-o elle proprio com uma camada de gomma e de bichromato de potassa, applica depois uma camada de tinta de aguarella da côr que quer e deixa-a secar. Faz a impressão e procede depois á lavagem com agua quente, esfregando com esponjas e pinceis os pontos em que quer esbater a tinta para dar os longes e nuances, podendo repetir a operação com quantas côres quizer sobre a mesma prova. Este processo, que dá ao artista



um grande dominio, permite variar ao infinito a interpretação do cliché que lhe serve de mero esqueleto. Variando as côres, tons e effeitos, pode com uma paizagem dar a impressão da manhã ou da tarde, da primavera ou do outomno.

Admirador apaixonado da obra de Eugène Carrière, o celebre pintor impressionista que vê tudo nebuloso e indeciso mas com um cunho artistico tão pessoal, consegue approximal-o pela photographia, o que sinto não poder documentar, visto que o *flou* é irreproduzível em gravura vulgar. Dizia-me outro dia alguém que, mostrando um Carrière e uma photographia ou quadro com perfeito acabamento de atelier a 100 pessoas, 95 prefeririam este ultimo. Pois estou certo que o sr. dr. Oscar de Teffé se contentava com os cinco restantes, pois valiam, para elle, mais que todos os outros, em gosto e sentimento artistico.

A. FERREIRA D'ALMEIDA  
CARVALHO



1—«Ave-Marias», 2—D. Mercedes de Teffé (Cliché do DR. TEFFÉ PELO PROCESSO VULGAR)  
3—Na avenida: passeante matinal



# A REUNIÃO DO PARTIDO REGENERADOR



## A REUNIÃO DO PARTIDO REGENERADOR NO PALACIO DA EGA NO DIA 2 DE FEVEREIRO

- 1—O sr. conselheiro Teixeira de Sousa conversando com um grupo de amigos antes do começo da reunião
  - 2—O sr. conselheiro Julio de Vilhena, chefe do partido regenerador, com os srs. Mattoso Santos e Pimentel Pinto
  - 3—O sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco conversando com o sr. marquez de Sousa Holstein
- (Clichés de RENOLLE)

# SPORTS



As corridas sobre a neve com os skis e os carrinhos são um divertimento que o lisboeta não pôde gozar, o que representa uma felicidade pela bondade do clima, mas também uma infelicidade sob o ponto de vista do sportivo!

# LOUCA VERMELHA DE GUMARÃES

giram os vasos apodes, de duvidosa consistência, inúteis para a conservação dilatada dos materiais caseiros.

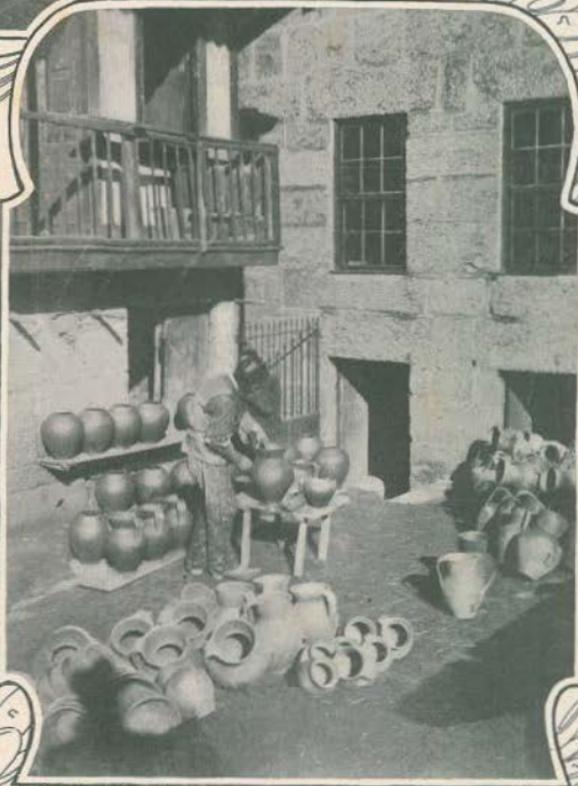
Ao desenho dos vasos primitivos (cuja definição ou interpretação seria demasiado profunda para tratar na *fuga litteraria* d'este artigo) podemos approximar, como realisação de proximo caracter, os desenhos ainda hoje gravados no fuzo e roca populares, vagamente estilizados, de uma ingenuidade deliciosa.

Entretanto a modelação obreira seguiu, progredindo. Até que, após a idade de bronze, surgiu a roda do oleiro—invento d'uma curiosidade flagrante e intelligente, definidora de todas as rudes difficuldades d'esse passado longinquo, e ponto de apoio para o intenso movimento industrial que tantos

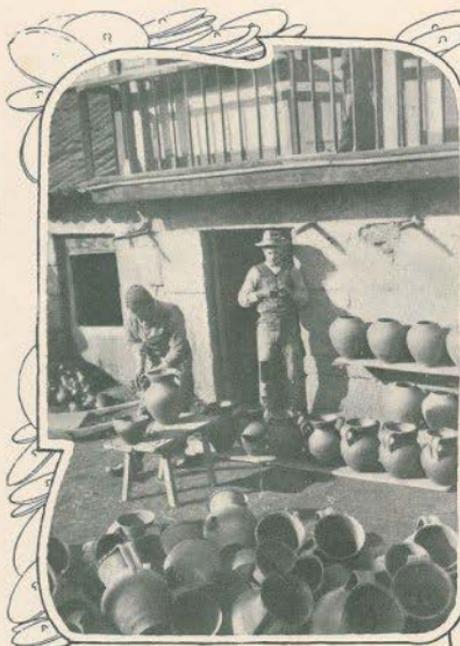
Os fragmentos de cerâmica, ora encontrados por varias escavações de interesse archeologico, são o mais antigo indício da existencia de innumerables civilizações pre-historicas.

Brongniart considera o mister das louçarias, ou melhor, a applicação dos barro ás necessidades da vida interna de cada lar, quasi tão primitivo como o Adão dos textos hebraicos. E na vida indistincta das primeiras edades não só ás exigencias urbanas se utilisaram os interessantes assomos da olaria popular: as creanças religiosas da antiguidade intermettiam no culto magoado dos mortos a ornamentação da necropole, com numerosos utensilios de mobiliario ceramico, como são testemunho os materiais recolhidos nos pequenos museus portuguezes, dedicados ao estudo das civilizações apagadas.

Primitivamente, o emprego do barro, como producção utilitaria, obedeceu ás circumstancias unicas da modelação manual. A configuração dos fructos e da flora deram os primeiros desenhos á producção plastica. E na sequencia das necessidades, que originaram, por sua vez, a evolução progressiva d'esse trabalho paciente, sur-



1—Trabalhando á roda  
2—Ultimos toques



seculos depois tornára inimitavel e divina a ceramica grega; dára ás faianças francezas do seculo XVIII toda a galanteria e deli-

ciosa superficialidade dos figurinos da epoca; e deixou em cada burgo do nosso velho Portugal, entre tantas scenas curiosas e tantos habitos innovados, a velha fabrica das olarias populares.



Estes louceiros de Guimarães são já coevos de Dona Muma, esposa do conde Hemenegildo Mendes, e senhora do burgo e varzea de «Vimaranes», em tempos de Ramiro II, rei de Leão.

A louça que ora se fabrica nos arredores da velha cidade historica comprehende o mesmo typo de manufactura barrista que geralmente é conhecido por origininario das proximidades do Prado.

Antigamente, segundo os *bastos* conhecimentos d'um profissional, a carrada de barro chegava a Guimarães em forma de brôa. Era importada de Villa Verde. E tinha um destino identico o carro de matto que serve para o escaldo do forno.

Hoje o barro é vendido ao oleiro tal como o cavam nas montanhas; e a «mattada» arrecadam-na os lavradores dos suburbios da cidade.

Depois, pisada, para a inutilisação dos attrictos, a materia prima dos oleiros é peneirada sobre um crivo de arame, para entre as «cambeiras» de madeira da officina, á semelhança da moedura dos moleiros regionaes; e logo passa ao «pio» de amassar; d'ali, em grandes brôas, para junto do «rodalho» primitivo.

Estamos no inicio do primeiro testo ou da primeira cantarinha.

Com que apurada e curiosa paciência traba-



1—Enquanto um trabalham outros descansam

2—A' porta da officina de olaria do Rêo: uma exposição de louça verde



drilhar; collocado o *busso* e o *collo* do cantaro de barro; temos logo a resfrega do cozimento. Obrigando o local do trabalho, por tres horas, ao «temperamento», encastellam gradualmente a louça verde, até preencherem todo o espaço do forno.

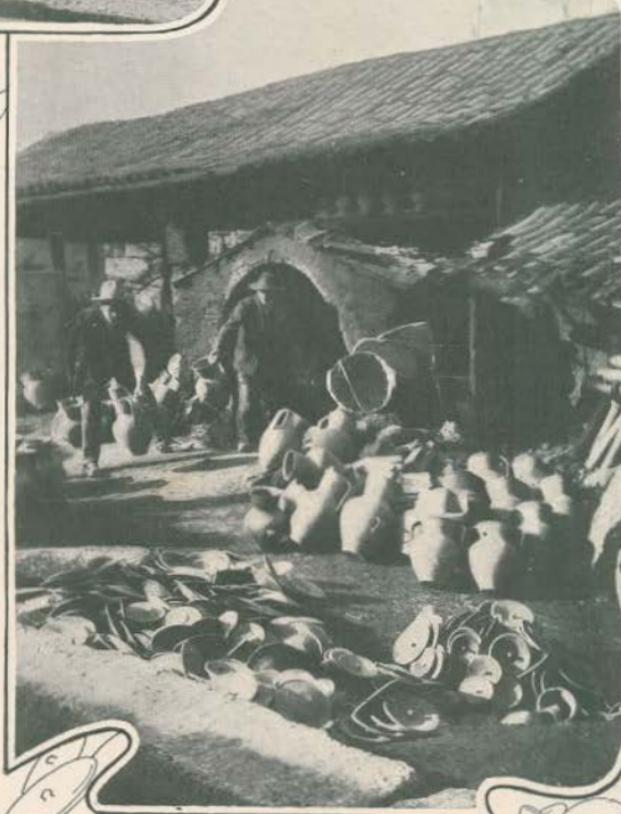
O cozimento da louça de Guimarães faz-se durante 6 a 7 horas. O forno, cuidadosamente alimentado de matto, avermelha com vagar a plasticidade cinzenta dos vasos. E cautelosamente, ainda, desfornam os operarios os interessantes exemplares ceramicos do seu constante modo de viver.

Na fabrica do velho oleiro *Rainha* ou na fabrica do *Reo*, ao lugar da Cruz da Pedra, em Guimarães, fabricam-se hoje, como sempre, as peças de olaria mais rudimentares. As photographias que acompanham este pas-ageiro artigo foram obtidas na officina do primeiro d'aquelles industriaes, e reproduzem velhos e conhecidos movimentos

lha o oleiro, coando o vasilhame do seu officio nas mil voltas os «rodalho» avoengo! Os pucaros, as chocolateiras, os alguidares, os assadôres, que infinita canceira provém d'essa turba multa de objectos, cujo fabrico é o mais mal retribuido possível... Cança-se o obreiro na produção «por duzia», levantando o corpo magoado ao ser trindades com o rendimento mesquinho de 300 réis diarios.

A ornamentação da olaria vimaranense não reclama emprego de grandes apuros de phantasia. N'um recente estudo acerca das louças de Prado, escripto pelo erudito ethnographista Rocha Peixoto, consideram-se os desenhos da louça vermelha de Guimarães de character primitivo. Nem outra coisa deviamos esperar. São de Guimarães, a cidade é antiga; formidavel, falla do seu passado o castello roqueiro de Dóna Muma; era forçoso que tudo fosse antiquado.

E após a ordenação do modelo da panela, da infusa, dos «estros» de la-



1—As sete horas da cosadura  
2—A louça ao sahir do forno

tudo do primitivo trabalho barrista, nos ingenuos ornatos do seu modelo.

As dedadas da ornamentação impressas no *collo* de cada cantaro, as curvaturas gisadas casualmente em torno do *busso* dos grandes panellões, atestam de que longuinhas e apagadas idades vem o schema d'esses desenhos singulares de ingenuidade, e quantos annos distantes do nosso tempo continuam passando e bruxoleando os primeiros fogos da inspiração ceramista.

E no entanto, estas velhas usanças, como todas as coisas tradicionaes, teem o seu quê de interessante...



Gosto de vêr, n'uma estrada ou rua de cidade provinciana, um bojudo pote de barro, cheio até á bocca, esbordando e esfiapando agua azulada sobre o corpo moço e forte das raparigas.

Que molhadela engraçada!

Nas antigas fontes de pedra, onde os golfinhos da velha fauna latina abrem de dia e noite, com monotono ruido, a sua lingua de agua, clara; nas fontes velhas dos burgos ensinam-se as visitas da servente minhota, com o seu cantaro da fabrica regional, poisando, esperando a *vez*, tagarelando dos *arrufos* caseiros.

Em má lingua, o tanque excede o estanco ou *Havanaes* da localidade.

E no sarilho das rixas violen



do fabrico manual das olarias, com flagrante exactidão.

Ao uso antigo, os oleiros de Guimarães escolheram o seu bairro; poisam no mesmo local. Outr'ora os filhos succediam aos paes no mister mais vantajoso, tradicional nas famílias; e ininterruptamente, bronindo sobre o movimento do «rodalho», trouxeram até aos nossos dias um genero industrial que, com a produção das cutilarias e o engenho engraçado dos antiquissimos moleiros do rio Selho, fórma a triologia historica dos incios d'esse grande movimento fabril que em meados do seculo passado tornou a cidade de Guimarães, relativamente, o maior centro industrial do norte.

A produção oleira d'essa velha cidade mal remedeia, em nossos dias, o consumo garantido pelas aldeias dos arredores. Não excede o numero de trinta a população obreira das louças de Guimarães. E de anno para anno vão minguando as fornadas e cargas de olaria que, dentro de grandes canastos de verga, abastecem o mercado semanal do concelho.

Os cantaros, pucaros, panellas, testos, chocolateiras, vasos para flores, alguidares, botijas, tubos de encanação, estros para ladrilho de fornos e fornos de cozedura de padaria, que ora se fabricam em Guimarães, mais que pela sua utilidade pôdem servir-nos para es-



1—Para comprar barato, comprar á bocca do forno  
2—Na officina do *Rainha*: uma carga para a feira



Canastro da condução de louça

tas, entre os braços que se levantam e as vozes desregradas, esse cantar modelado com tanta canceira, d'um murro, dá (como se diz) a alma ao creador.

Na relação que esta circumstancia tem com o assumpto do nosso artigo, entram em camaradagem os oleiros de Guimarães, o *Simão Botelho* da novella de Camillo Castello Branco, e o beato Santo Antonio de Lisboa; quer dizer, o oleiro fabrica, *Simão Botelho* arrebita, e Santo Antonio concerta.

Julgo que podemos ficar socegados quanto ao destino dos presentes e futuros cantares de barro.

Não sei dizer se era ainda possível tornar consideravel de merecimentos esta olaria vimaranense. Nem sei dizer, mesmo, se é possível acudir ao ruinoso estado industrial da cidade de Guimarães.

A crapula da politica em que modernamente se atascam os cidadãos provincianos parece querer provar-nos que nada mais merece as suas attentões.

Nada mais, em verdade...

Que se acabem assim, desastradamente, os curiosos afazeres da olaria de Guimarães; que continem inuteis as aulas de modelação da escola industrial d'esse concelho; que os mancomunados e aranjados da politica continem vencendo as eleições.

Elle que importa...

Quando essa pobre familia dos oleiros completamente desaparecer; quando já se não fale nas velhas e contribuidoras olarias de vimaranenses; então ha-de surgir algum que, ao estado ruinoso da vida commercial, industrial e agricola do concelho, reuna, por muitas origens, o desmoronamento d'essa industria popular.

As camaras concelhias comprehendem como unico objecto da sua qualidade administrativa, o terem de ordenar o calcetamento de *certa estrada*; a abertura de *certa rua*, a submissão de *certo* empregado. Erro. A's camaras concelhias cabe a obrigação de desenvolverem, no sentido de engrandecimento, o estado economico das classes operarias que dirigem, de promoverem a evolução do seu trabalho, de tornarem o mais desafogado possível o viver industrial do concelho da sua gerencia.

E porque isto se não faz em Guimarães, para o trabalho das olarias, é que eu aponto a inutilidade da escola de modelação na absolutamente inutil escola industrial que lá funciona.

Entretanto deixem-me despedir d'esta velha industria da minha terra, que não dará aos netos dos meus conterraneos nem um só vicejo da sua graça—ella que já era coeva de Dona Muma, a esposa do conde Hermequildo Mendes e senhora do burgo e varzea de «Vimaranês», em tempos de Ramito II, rei de Leão.

Tenho dito.

ALFREDO GUIMARÃES.

(Clichés de GASPAR FERREIRA)



# A SEVERA



Julio Dantas, auctor da peça



André Brun, auctor da peça



A *Severa!* O que este nome recorda e quantas lembranças suggere de saudosos tempos idos, bem mais cheios de alegria e de entusiasmo, de outra vida muito mais intensa do que a d'estes pallidos e desbotados dias correntes! Esse

movida pintura de sentimentos. Foi, ha annos já, Julio Dantas, com esse bello e apaixonado drama representado no D. Amelia, e que tão vivas discussões levantou á sua volta. Mais uma vez, o talento do illustre dramaturgo, que em todas as manifestações



- 1—Julia Mendes.—*A Severa*
  - 2—Abilio Baptista.—*D. Ruy*
  - 3—Carlos Leal.—*O Custodio*
  - 4—Sophia Santos.—*Tia Macketa*
  - 5—Antonio Gomes.—*Ronido*
- sigillador*

simples nome de ribalda, que a tradição conservou nimbado de legendas de amor e de guitarradas, concretisa em si quasi a evocação de uma epoca, com os seus costumes e o feitiço especial de viver de certas camadas sociaes. E essa tem sido a causa, facilmente comprehensivel, portanto, da sobrevivencia da sua lembrança.

Um dia, um poeta primoroso aproveitou o personagem para fazer uma peça de theatro, que é uma admiravel obra de arte, um fidedigno quadro de costumes e uma com-





Amaral—O cego

litterarias, desde o seu primeiro livro de versos até ao seu recente livro de estudos historicos, se

Martins dos Santos—Bate-folha-campino

e chistoso, cujo talento desde ha poucos annos se vem affirmando tão vantajosamente, quer no thea-



Carolina Baptista  
A Bressa-dancarina

tem sempre affirmado superior, alcançou, com essa peça audaciosa, mas de habil contextura e de requintado cuidado de forma, um lisongeiro e brilhante triumpho, inteiramente merecido, como tem sido, de resto, o que tem coroado invariavelmente todos os trabalhos de Julio Dantas. E a sua *Severa* ficou entre as nossas melhores obras de theatro moderno, admirada como uma das primeiras por todos os apreciadores competentes e desapaixonados.

Foi o antigo drama que, transformado em operetta, resurgiu ha pouco no theatro Avenida. O entreocho geral manteve-se naturalmente, bem como os caracteres dos personagens, e conservaram-se tambem as scenas capitae da peça. A unica modificação importante consistiu em introduzir-lhe algumas figuras novas, indispensaveis para o essencial effeito comico, e no corte do ultimo acto. No mais toda a architectura primitiva da peça foi, como dissêmos, respeitada.

Para trabalho de transformação, Julio Dantas encontrou um collaborador precioso em um dos nossos mais novos comediographos, tambem provido de incontestavel merecimento, e dotado em especial de uma espontanea e facil veia comica, que o publico já por mais de uma vez tinha apreciado e consagrado. Foi André Brun o escriptor humoristico



Olympio Nogueira  
Diogo-Jadista



Manuel Villas  
Visa-Deus-cigano



Medina—Marquesa

tro quer no jornalismo,  
sempre com crescente suc-



Martins  
dos Santos  
Pinga-p'ra-c'ra-  
andador



Flora Dyson—Jenny Olivier—cantora

centuado como merecido  
applauso.



Santos Mello  
Timpanis-boiteiro

cesso. E injustiça flagrante seria deixar de dizer que uma parte valiosa do exito alegre da nova operetta se deve ao collaborador escolhido pelo illustre dramaturgo, e que tanto amor e interesse empenhou na realização da sua parte de tarefa.

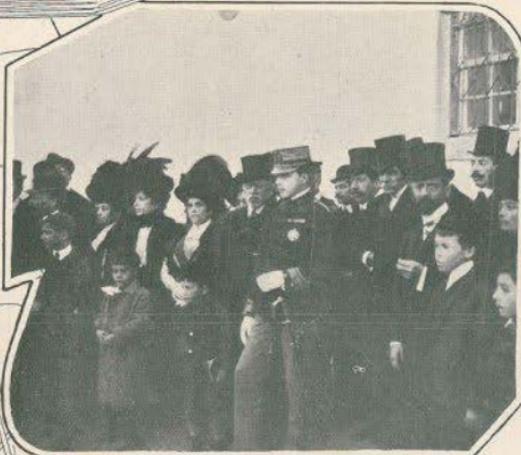
A musica foi escrita por Philippe Duarte e contém alguns trechos de scintillante viveza. Nem outra coisa havia evidentemente a esperar do *savoir faire* do distincto maestro provado em tantas outras obras antecedentes.

Comprehende-se, pois, que d'estas tres collaborações resultasse o excellento conjunto que o publico do theatro Avenida acolheu com tão ac-



Amaral—Maugerona-  
taberneiro  
(Chichés de VASQUES)

# VISITA DE EL-REI À CASA PIA



- 1—El-Rei, acompanhado pelo sr. Alfredo Soares, sub-director da Casa Pia, e seguido pelo corpo docente, visita as dependencias em construção  
 2—El-Rei assistindo aos exercicios gymnastics  
 3—El-Rei felicita o sr. capitão Canara Leme, instructor de gymnastica, pela precisão dos exercicios executados pelos alumnos sob a sua direcção  
 (Clichés de BENOLIEL)

# Maria Farnetti

NO THEATRO DE S. CARLOS

A *Madame Butterfly* alcançou este anno em S. Carlos um successo indiscutivel e excepcional, cantada pela distinctissima prima-donna Maria Farnetti, que ás mais notaveis qualidades de uma voz harmoniosa e insinuante, educada no mais rigoroso methodo de canto, reune raro talento dramatico, que lhe faculta poder realizar a encarnação flagrante da verdade d'essa exotica figura de japoneza que nos apresentou.

A opera de Puccini interpretada pela illustre artista, com os extraordinarios e complexos recursos de que dispõe, quer como cantora, quer como comediante, pode dizer-se que constituirá, pois, um dos mais bellos triumphos da presente temporada lyrica.



Maria Farnetti, a admiravel cantora que alcançou tão brilhante successo na *Madame Butterfly*

# A ESQUADRA AMERICANA

## A SUA VIAGEM DE CIRCUMNAVEGAÇÃO

Logo que se annunciou a partida da esquadra dos Estados Unidos, aventaram-se os mais extraordinarios e alarmantes boatos, e não faltaram imaginosas versões, propaladas pelos jornaes, de phantasticas demonstrações navaes e em que a hypothese de uma nova guerra era suggerida. E', de resto, o costume habitual quando escasseiam os factos positivos para entreter a curiosidade sempre ansiosa

Afinal os navios americanos vieram simplesmente realizar uma viagem de circumnavegação no Atlantico, sem qualquer sombra de intuito bellico. Disse-se mesmo, a principio, que no seu decurso visitariam as nossas costas açoreanas, e por esse motivo o *D. Carlos* partiu para as ilhas. O itinerario, se chegou, porém, a ser estabelecido assim, foi depois modificado, devendo a esquadra seguir di-

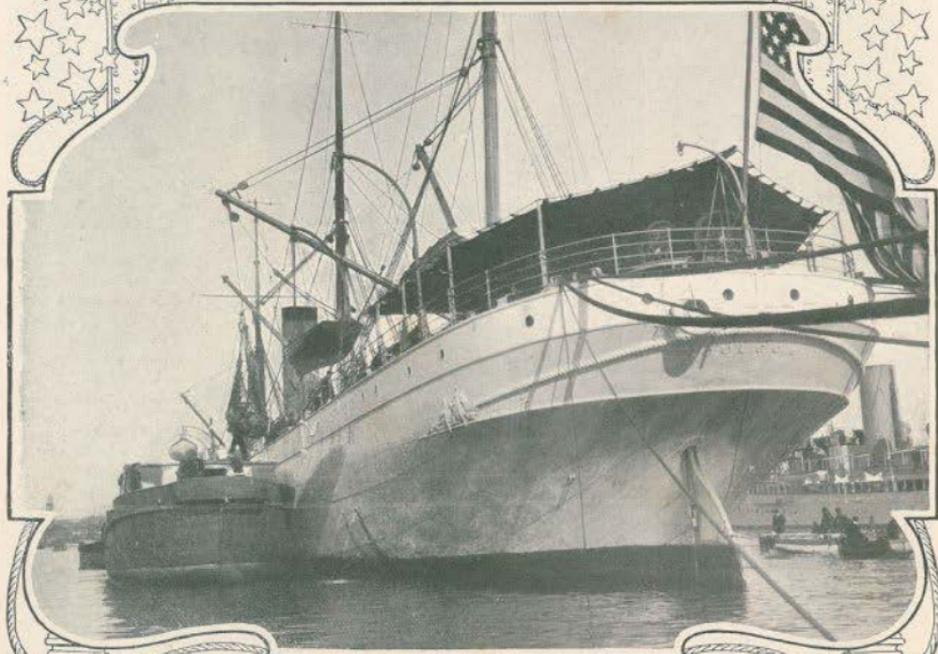
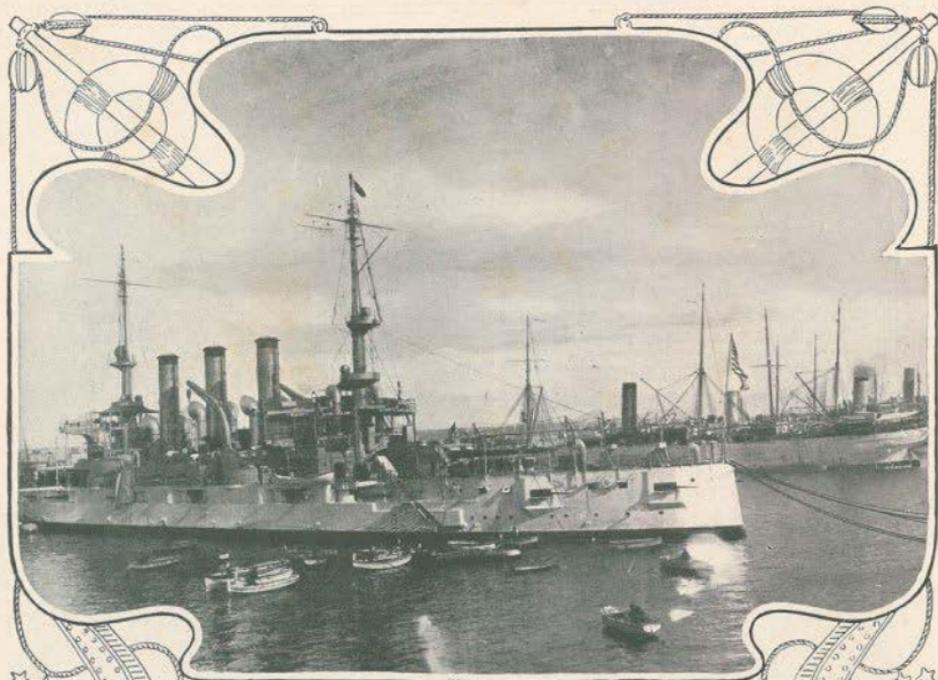


A esquadra americana em Napoles: musica a bordo

do nosso tempo, que em cada dia exige um novo incidente para seu pasto. Sem fundamento algum, emaranharam-se espantosos projectos hostis, fazendo-se previsões pavorosas, que durante dias se discutiram gravemente.

rectamente de Gibraltar aos Estados Unidos, razão por que o nosso navio regressou tambem dos Açores.





1—O couraçado americano *Connecticut*  
2—Outro dos couraçados americanos: o *Calgoa*  
(Clichês de C. ABENIACAR)

AS CONFERENCIAS DO SALÃO DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»—No domingo 7 do corrente realisou-se, no nosso salão de festas, a conferencia do distincto poeta e jornalista D. Alberto Bramão tendo por thema o complexo problema do «Casamento e Divorcio», que o illustre orador versou, durante pouco mais de uma hora, com notavel proficiencia, na forma desenfastiada de uma *causerie* ligeira e por vezes espirituosa. A questão do divorcio, que tanto apaixona os espiritos pela importancia que reveste relativamente á organisação da familia, foi considerada sob os aspectos historico, moral e social, e ainda na sua applicação a Portugal, sendo exposta em todos os seus pormenores e incidentes com a maxima clareza e um indiscutivel vigor de argumentação.

Como na conferencia precedente, de Baptista Coelho, o salão da *Ilustração Portuguesa* honrou-se mais uma vez com a visita dos seus collaboradores e amigos, entre os quaes figuravam os nossos mais distinctos escriptores e alguns dos nossos mais illustres homens de letras e artistas.

(Cliché de ARNALDO FONSECA)



A direcção da Grande Tuna Feminina de Lisboa, que ultimamente deu, no theatro de D. Maria, um concerto em beneficio das victimas sobreviventes da grande catastrophe italiana e outro a favor do asylo de Santo Antonio

(Cliché de CARDOSO & CORREIA)

HENRIQUE DE VASCONCELLOS—O novo livro de contos de Henrique de Vasconcellos, intitulado *Circe*, constitue uma nova affirmação do seu delicado talento de artista, de ha muito vanajosamente affiançado nos seus primeiros livros de versos e nos seus livros antecedentes de prosa.

O conto é, como se sabe, uma das fórmulas litterarias mais difficéis. Corresponde exactamente, na prosa, ao soneto na poesia. E' por isso que os bons contistas são sempre raros, e em Portugal pôde dizer-se, sem risco de errar, rarissimos. Henrique de Vasconcellos consagrou-se, porém, com especial paixão, a essa fórmula rebelde, e cinzela os seus contos primorosos com o mesmo cuidado pechoso de requintada elegancia como se se tratasse de uma fina obra de ourivesaria. Cada uma das pequenas novellas d'esta preciosa serie da *Circe* representa, por isso, uma indiscutivel obra de arte, que os verdadeiros e sinceros amadores não deixarão de apreciar, tanto pelo seu conceito, buscado, como pelo seu primor de execução.

(Cliché da PHOT. ALLEMA)



# O "AZEBRE."

NO  
PRINCIPE REAL

momento a côta de malha do drama romantico, para atacar de frente, com uma energia gloriosa de luctador moço, os grandes problemas da vida contemporanea. A nova obra do illustre dramaturgo honra o seu grande nome.



1—Henrique Lopes de Mendonça, o illustre auctor do *Azebre* — (Cliché de soborsk)  
2—Ferreira da Silva, no papel de Fidélio, o protagonista da peça (Cliché de vasquns)

Lopes de Mendonça, o auctor por tantos titulos illustre do *Duque de Vizeu*, da *Morta*, do *Affonso d'Albuquerque*, acaba de honrar a litteratura portugueza com mais uma obra-prima: o *Azebre*, peça ha dias representada pela primeira vez no theatro do Principe Real. A nova producção do notavel dramaturgo, simples como todas as coisas verdadeiramente bellas, impressiona desde logo pela ousadia e pela vehemencia dos processos, e acaba por conquistar o publico, que coroou com os maiores applausos os seus tres actos admiraveis. E' a historia de um inadaptavel. Um grande artista que uma dôr intima—a deshonra da filha pelo seu melhor amigo—arasta para os meos mais baixos e para a existencia mais torpe, quando a felicidade volta e o chama á sua primitiva vida, encontra-o já roído do *azebre* do vicio, insusceptivel de adaptar-se, perdido irremediavelmente para a regeneração e para a moral vulgar. Fabula eminentemente honesta no fundo, é entretanto bastante ousada e original nos pormenores, o que lhe augmenta o interesse e a enriquece de elementos suggestivos. No theatro de Lopes de Mendonça—dos mais completos e notaveis da dramaturgia do nosso tempo—o *Azebre* é a peça parallela do *Nô Cego*: o grande poeta da *Morta* e do *Duque de Vizeu* despiu por um



# PRO ITALIA!

## O CONCURSO DO REAL GYMNASIO



CERTAMEN DE SPORT  
ATHLÉTICO  
REALISADO NO VELODRO-  
MO EM 7  
DE FEVEREIRO  
EM BENEFICIO DAS VICTI-  
MAS SOBREVIVENTES  
DO SUL DA ITALIA

1—A direcção do Real Gymnasio  
Club de Lisboa

2—Partida para uma corrida

3—A prova de tracção  
à corda

(Clichés de BESOLHA.)

# A FESTA ANNUAL DO LACTARIO



## A SESSÃO SOLEMNE DA DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS NO DIA 7 DE FEVEREIRO

- 1—As mães que receberam premios
- 2—A distribuição dos premios. A' esquerda vê-se o sr. Rodrigo Ascensão, director da Associação, e dr. Mattos Chaves, e ao centro o dr. Jorge Cid
- 3—O'ara, José Maria dos Santos, general Moraes Sarmento que fez o discurso de abertura da sessão e dr. Rivara
- 4—A distribuição dos enxovaes das crianças protegidas da Associação Protectora da Primeira Infancia



(Clichés de RENOLIEL)

# MULHERES DA ITALIA

N'estes tempos archicivilizados e triviaes, só o Povo é ainda interessante.

Emquanto por toda a parte as aristocracias e as burguezias se vão tornando mais incolores e posticás, elle mantem o privilegio do pittoresco e da belleza. O Progresso, o Cosmopolitismo e a Moda nivelaram de tal sorte as cidades da Europa e da



1—Uma linda romana  
2—Patermo: Vendedora de queijos (ricotta)

America que os typos, as toilettes, e até as physionomias das mulheres, nas outras camadas sociais, parecem reproduzir, implacavelmente, o mesmo modelo.

Entre as populações meridionaes, inventivas, coloristas de nascença, e a que a visão das palzagens terrenas ou marinhas, fulgurantes de sol, matizadas de vegetações, nuançadas de reflexos de luz ou de vagas, desde a infancia vibrou nas pupillas e na imaginação, os costumes são d'uma variedade de mancha para encher de *croquis* incomparaveis os *adibus* do pintor que de terra em terra lhes fôr annotando os detalhes, cada qual

mais imprevisito de phantasia.

Que inexgotaveis minas de pittoresco, por essas provincias de Hespanha e de Portugal, onde da raia gallega á costa do Algarve mouro, cada povo creou com genio verdadeiras obras primas de graça rustica, de poesia colorida—como por exemplo nos arredores de Viana do Castello, e de Famalicao, na Maia, em Villa Nova de Gaya, e nos povoados ribeirinhos, onde as varinas crescem ao ar salgado, elançadas e maravilhosas como flores da areia!

Mas sobretudo na Italia, onde, desde os Alpes nevados ás terras crestadas da quasi africana Sicilia, a propria Natureza parece mais artista que nos outros paizes, o povo, com seus typos marcados, deu em todas as epochas, os



modelos mais perfeitos aos pintores maiores do mundo.

Muitos d'estes costumes, vi-os palpitantes de côr, sobre corpos vivos, nas minhas peregrinações atravez d'essa terra classica da Belleza.

Ao folhear os cadernos em que os fui esquisando do natural, parece-me que as imagens adoraveis de novo revivem, taes como me encantaram—e encantarão talvez a curiosidade dos leitores da *Illustração*, a quem agora as offereço.

Não será este assumpto — *Mulheres de Italia* — bem mais atrahente que se lhes falasse, por exemplo, dos seus grandes homens contemporaneos — tão pequenos e tão feios, na verdade, lá como cá?...

Na Lombardia, a mescla do sangue germanico e celtico produziu mulheres de fortes bustos, amplo collo, e de estatura mais desenvolvida, como todas as da planicie, com ondulantos cabellos frequentemente louros coroando-lhes as cabeças placidas.

Mais laboriosas que as do sul, pela influencia do clima cujas variações as obrigam mais aos habitos caseiros, ellas encarnam as qualidades melhores dos *menagères* septentrionaes, certamente mais instruidas, economicas e sérias que as napolitanas—que não sabem ensinar as filhas senão a pentear-se, a bailar e a cantar.

Nas largas avenidas animadas de Milão, tanto ao redor da *piazza* onde o *Duomo* ergue o seu Monte Branco de marmore, como nos bairros fabris, muitas prendem os nossos olhos estrangeiros, mais pelo brilho aveludado da sua carne de louras, que traz á memoria o da *Jocunda*, do Vinci, que era uma milaneza, de plastica um pouco macissa e precocemente espessa.

E' á volta dos lagos, ou nas ilhas de chimera, atravez d'essa paisagem que os noivos e os amantes procuram para enquadrar os seus idyllios, que os costumes mais persistem.

Com a *scuffia* encanudada, n'uma aureola branca, em torno das nuças; um *mantile* nas espaldas; os bustos cingidos pelo corpete de côres vivas que deixa tufar a camisa de linho, as noivas dos pescadores, tricotando, diligentes, são deliciosas de mancha sobre o azul da água que reflecte a transparencia dos céus limpidos.



Modelos aproveitados pelos pintores, e que regressam ao seu país no fim da primavera.

Nas cabeças dos camponeses, um grande pente irradia; e feixes de alfinetes de prata, achatados no cume, formam semi-circulo.

Veneza, a cidade do sonho, é para a minha saudade a mais adoravel, duplamente—pela propria belleza e pela das suas mulheres.

Junto de nós, nas gondolas embalantes, pelos dormentes canaes mysteriosos, á noi-



1—Uma rapariga dos arredores de Roma  
2—Um bello typo de romana



te, quando o luar dá aos mudos palacios apparencias chimericas, e no silencio voluptoso parecem pairar almas das antigas amorosas legendarias; ou n'esse claro salão de marmores e oiros da *Piazza de San Marco*, emoldurada pelas arcarias das Procuracias e pela Basílica bysantina, emquanto as musicas tocam operas de Verdi ou Wagner, como ellas são bem tuas filhas, oh! Cidade-Sereia!

Aos pares, flexuosas e languidas, envoltas nos longos chaes que lhes moldam os corpos ondulantes e as harmoniosas curvas dos quadris; de nuças esbeltas e redondos pescoços lacteos, sempre em cabello, que apartam, sobre a testa, em bandós fulvos como os das cortezas do Ticiano e das dogarezas do Veronezo,—ellas têm no andar, nos gestos, nos sorrisos, a aristocracia das raças afinadas no culto e na contemplação da Arte e do Mar.

Quasi todas são lindas, silenciosas e graciosas como as gondolas. Nada n'ellas de grosseiro. Não trazem



Toscana: Uma vendedora de leite,  
de Siena

cravos garridos nas tranças, como as andaluzas; não se abrem as suas bôccas tristes em risos sensuaes; e nos seus grandes olhos ardentes, profundos e febrilmente voluptuosos, parece reflectir-se a limpidez nostalgica dos poentes da laguna. O encanto das gaditanas chama-se *salero*; o das venezianas, *morbidezza*. Umás e outras têm qualquer coisa de oriental. Mas a belleza d'estas é mais perfeita—porque é mais espiritual.

Na antiga rival maritima de Veneza, a Genova dos brancos palácios e dos caes negros, que contraste o d'essas ligurias que pelas ruas ingremes, embandeiradas de trapos, descem ao porto cheio de vapores fumegantes e de navios de todas as nações, na maioria tisanadas, magras, angulosas, sem a graça d'um costume que lhes compense a inferioridade physica, mourejan-de sol a sol, pobres animaes de carga, nas labutas mais servis, e, em vez de cantar, gritando no seu aspero dialecto.

Turim, a capital historica do Piemonte e a primeira do reino que a audacia heroica de Garibaldi e o tacto politico de Cavour deram á casa de Saboia, não me mostrou, tão pouco, costumes e typos caracteristicos. Sob as infundaveis arcadas que ladeiam as largas ruas correctamente e banalmente modernas, as turinezas apparecem-me, em geral, baixas, de feições um pouco duras, que uma certa expressão de intelligente astucia aviva.

Subindo os Alpes, que lhe fazem um formidavel panno de fundo, alvinitente de neves, pelas povoações que se aninham sob os telhados de lousa, á roda dos campanarios ponteagudos, encontram-se trajés d'uma nota imprevisa.

Fiando nas rocas de pastoras a lâ dos rebanhos que pastam nos verdejantes valles enlaidirados nas gargantas alpestres, certas piemontezas coifam-se de grandes toucas brancas da fórma dos barretes usados pelos cozinheiros; e, sobre as lâs escuras que as vestem até aos sapatos ferrados, cruzam no seio chaes de malhas franjadas, sobre os quaes destacam os collares das camisas em torno dos pescoços debruados pela fita de veludo, segurando as beatas cruzinhas de prata.

Outras, que quasi desapareceram de todo, são d'uma bizzarria phantastica d'opereta. Sobre a testa, n'um turbante leve, o *gazzoletto* de seda diadema os caracoes de cabello, e deixa pender, a cada lado do rosto, duas pontas longas como as orelhas das lebres.

Um comprido laçarote enfeita os corpetes decotados sobre as camisas de mangas tufadas como as das *cachopas* minhotas. E sob a roda da saia arregaçada, que uma barra de côr orla, protegendo as pernas d'estas escaldorras de montanhas,—um viril par de calças!



1—Costumes de Roma  
2—Uma mulher de Taormina

O costume valsesiano é também d'um pittoresco que realça a formosura das serranas coradas pelos ares aromaticos e salubres das alturas.

Por essas velhas e luminosas cidades da Toscana, de que a arte dos seculos fez Museus, as mulheres mantêm, quasi genuina, a hereditariedade etrusca.

N'uma silenciosa piazza de Pisa-a-Morta, a encher a cantara de cobre n'uma fonte que um deus moço e nú encimava, parece-me ter ainda deante dos olhos uma das mais bellas creaturas que vi, oh corpo de *Ariana la bionda* que Nicolau Pizarro esculpiria depois de te despir esse traje, que tão bem te ficava, para te coroar de rosas, como a uma hyma-driade.

Florença é bem a cidade das flôres, — de todas, sem esquecer as da carne.

De cabellos o olhos castanhos ou pretos, com carnações firmes, d'um moreno rosado, as florentinas têm a sublinh'r-lhesa sensualidade dos traços a espiritualidade da expressão.

Na vermelha Siena, feudalmente acampada sobre o seu monte, as *contadine* que aos domingos alegam a vas-

ta concha concava da *Piazza del Campo*, diante da *Torre della Mangia*, apregoam na lingua de timbre mais harmonioso da península as laranjas, que lá têm o nome de — *portogalli*.

Os grandes chapéus de palha tenuissima, enfeitados de plumagens leves, graciosamente arqueados sobre os cabellos, e que o menor sopro de vento faz adejar, como borboletas, dão-lhes uma originalidade característica aos rostos que evocam as mado-nas pintadas pe-





1—Napoles: Vendedora de agua de Capri.  
2—A. Iarentella: popular bailado siciliano.

los Primitivos da escola sienesa.

Roma, a velha capital do mundo onde durante seculos de glorias, de luctas, de magni-

ficencias e de catastrophes, se confundiram todas as racas, guarda no emtanto a sobrevivencia do typo latino gravado nas medalhas do Imperio.

As do *Transibere* e da *Campagna*, sobretudo, apresentam modelos admiraveis de belleza um pouco brutal, mas cheias de caracter e de estylo. Soberbas como estatuas, com mentos redondos, boccas firmes e grandes olhos serios, magestosas de rythmo, ornadas do contas de coral, de broches d'ouro, d'enormes argolas pendulantes, vestidas de cores vivas, em que predomina o verde e a purpura, — evocam entre as ruinas monumentaes, as que encheram de lenda a Historia.

Pelo seu cunho decorativo, a população romana é das mais curiosas. Esbeltas e morenas, as *ciocciare*, com os lenços brancos em alpendre sobre os cabellos pretos; os *bustini* de veludo cintando as camisas decotadas, de largas mangas, os *grambiule* listrados de ramagens sobre as saias caindo como tunicas, até aos pés calçados de sandalias, têm sido vulgarisadas por todos os pintores.

No *campo dei Fiori*, á hora do mercado, as mulheres d'Albano, com os *fazzoletti* nitidos nas cabeças arcadicas; as de Frascati, com fitas coloridas nas tranças; as *transiberinas*, da rigorosa e radiosa formosura que deu a Raphael a sua amante, e ao catholicismo a sua Madone, a *Fornarina*; todas essas descendentes das sabinas esposadas pelos primeiros latinos, impassiveis como canephoras dando de mamar aos babinos resplandecentes, entre os fructos, os legumes, as flores e o lixo, têm por vezes uma correção de linhas em que revive a solida plastica das matronas primordias.

As mulheres dos Abruzzos, que Gabriele d'Annunzio silhueteizou na prosa intensa da *Terra Vergina* e n'essa obra prima tragica que é a *Filia d'Iorio*, com as tranças espessas levantadas sobre a testa, como as dos deuses mythologicos, são de uma formosura rustica que o costume tradicional realça.

Napoles, onde o povo mendigo e poeta, lazzarone e sensual, vive na rua, em plena liberdade, cantando ao luar e dormindo ao sol, n'uma



philosophica preguiça que, se lhe dá a miseria, lhe dá também a alegria; — *Napoles*, a cidade mais populosa da Italia e a mais ruidosa da Europa, é uma das mais porcas e bellas do mundo, que, como Sevilha na Hespanha, offerece em maior numero as figuras que illustram os albums e os le-

bres, tão esbeltas quando ao som dos *timbali* bailam, pelas vindimas e pelas colheitas da azeitona, vão abandonando a pouco e pouco, desde que o Progresso trespassou de rails as suas montanhas e florestas, os curiosos costumes das avós.

Por todo o sul da península italiana, na antiga *Grande Grecia* em cujas costas as ondas do mar Jonico cantam ainda, como sereias, os versos heroicos da *Odysséia*, as mulheres amam o canto, a dança, o prazer, as flores e os enfeites de tons vibrantes.

Algumas, como as noivas da epopeia homérica, usam, no dia das bodas, o diadema d'ouro e o cinto de prata, que as mãos do esposo desacolchetarão para o connubio supremo. As da ilha de Procida, que se lembra ainda do tempo em que se chamava á grego *Prochyta*, revestem a *zimarra* e enquadram os

Piemonte: Mulheres de Fabello

ques. Filhas d'uma raça composta de elementos greco-bysantinos, arabes e albaneses, as d'essa Calabria que inspirou aos romancistas á Pae Dumas tantos enredos cheios de façanhas e d'amôres de bandidos cele-

rostos classicos n'um *fazzoletto* atado em turbante cujas pontas recaem por traz das orelhas veladas pelos cabelos crespos.

As capuanas envolvem-se em veus, á maneira das vestaes. E nem uma





Costumes romanos  
N'uma das praças publicas da cidade eterna

das raparigas que vendem fructa, pela Chiaia, que não traga, ao seio, o *fascinum*, o pequeno amuleto miraculoso, em forma de corno, que livra da *jettatura* e do mau-olhado.

As sardas, pequenas e ageis, de typo abastardado pelos invasores arabes, berberes e hespanhoes que dominaram essa pobre ilha doentia, cujo estado social permanece quasi barbaro, usavam um dos trajas de mais evocativa originalidade.

Na Sicilia «a perola das ilhas», engastada no esmalte do Mediterraneo, cheia de sol, de ruinas, de lendas e de historias de ladrões, o typo grecolatino mestiçou-se com o sarraceno, no povo supersticioso, concentrado, vingativo e violento, que a ignorancia e a devoção mantêm, longe das cidades, na barbaria e na miseria.

Nacarnação tostada dos rostos de feições accentuadas, os olhos negros e brancos das sicilianas são ardentess como os das mouras; e nos seus trajas garridos, se-



Um typo popular de Roma

gurando os açafates carregados de limões ou os cantaros de molde antigo, lembram um pouco os das nossas terras semi-arabes do Sul.

Mas se, plasticamente, a italiana permanece typica, os seus costumes vão evoluindo, isto é—decahindo.

Quando de novo percorrer as terras da divina Italia da minha saudade, quem sabe se não irei encontrar as *ciocciari*, que tanto me encantaram, odiosamente desfiguradas e grotescas como essas tristes cocheiras de Paris que, com a sua cartola de oleado, o seu *waterproof* e as suas galochas, são o prototipo da Mulher do Povo na sociedade moderna.

Esfregando as mãos, o Progresso dirá com emphase:

—Os ultimos vestigios da mimosa tradição desapareceram!

Mas, com ella, terá igualmente desaparecido o Pittoresco. E o artista, fazendo as malas, terá d'ir procurar-o ao centro d'Africa—entre as pretinhas de tanga.

JUSTINO DE MONTALVÃO.